

# maturidade dentro da confusão

Sinal de maturidade ou só de confusão? A pergunta é feita por Alberto Alessi, presidente da mais famosa empresa de objetos para cozinha do mundo, a respeito das linhas que acaba de colocar no mercado. A empresa, que desde 1921 dita do Lago Orta, na Itália, as tendências internacionais de design em seu ramo de atuação, desta vez saiu atirando para todos os lados. Continua no enfoque lúdico (o-objeto-que-faz-sorrir) copiado por todo mundo, com expressão atual nos tecidos feitos por Alessandro Mendini, que dão novos filhotes à "Familia Ana", nome de sua namorada, com o qual batizou abridores de garrafa e tampos de pote e agora estampam tecidos de aventais e linha de mesa. Um viés, portanto, mais decorativo.

Mas investe também no minimalismo com linhas assinadas por Jasper Morrison. Na elegância do modernismo nas balanças assinadas por Stefano Giovannoni. Num neo-estilo internacional do mais básico "a forma segue a função", com louças de Franco Sargiani e Eija Helander. E até mesmo em sofisticados exercícios formais feitos em xícaras de café por arquitetos famosos de várias partes do mundo.

Afinal, o que a empresa quer com todos esses lançamentos? Alberto Alessi responde à pergunta lá do início deste texto dizendo que eles sinalizam "maturidade dentro da confusão". E acrescenta: "Temos uma percepção consciente da enorme liberdade – pelo menos num nível intelectual – em que nós operamos, mas também de nossa responsabilidade em saber como usar esta liberdade."

Se os lançamentos podem desorientar os copiadores, eles também sutilmente parecem dizer: sigam a sua própria trilha de liberdade para achar os caminhos do hoje, que serão necessariamente múltiplos e plurais.



Caffé Alessi design de Wiel Arets, Massimiliano e Doriana Fuksas, Toyo Ito, Denton-Corker-Marshall

fotos Fabrício Bergamo

Linha A+A textil design Alessandro Mendini



Saladeira em cerâmica stoneware, com bandeja em aço inoxidável. Design Franco Sargiani e Eija Helander.



# regional e universal

O músico pernambucano Chico Science foi o primeiro a fincar uma parábola na lama. Modo de dizer de seu ato radical de interessar-se tanto pelos maracatus e emboladas de sua terra quanto pelo rock. O resultado foi uma mistura que gerou uma nova sonoridade, batizada de mangue-beat. Pois podemos dizer que tem gente fazendo mangue-beat no design. Uma delas é Bete Paes, que transpõe para a tapeçaria artesanal os motivos de sua região, mas de um jeito contemporâneo. "Meu desafio como designer é trazer para a época atual as raízes da minha terra. Quero ser regional sem deixar de ser universal", diz ela.

Bete é arquiteta de formação, já trabalhou com Janete Costa e desde 1993 se dedica ao desenho transposto através de carimbos ou de serigrafia para o tecido, que por sua vez vai para painéis, almofadas, serviço americano, toalhas e mantas. Entre as suas coleções destacam-se a baseada na xilografia da literatura de cordel e a recém-lançada sobre ex-votos (oferendas feitas aos santos como um testemunho público de gratidão por pessoas que obtiveram uma graça ou milagre). Ambas são em preto e branco (com exceção dos detalhes em vermelho da linha dos ex-votos, representando um relicário) e mostram a predileção de Bete por conceber uma imagem inteira e depois ir retalhando esta imagem em várias outras, o que cria um ritmo muito particular às suas criações.

Seu ateliê fica na rua Fernando Lopes 44, no bairro das Graças, em Recife. [www.betepaes.com.br](http://www.betepaes.com.br)



Bete Paes: Linha Ex-votos

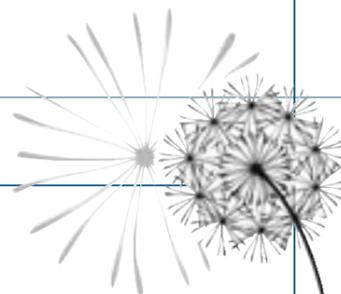


Acima, o novo espaço, com divisórias e criados-mudos em papelão e madeira residuais.

# antes e depois

O alcance social do design tem sido muito pouco discutido entre nós e, sobretudo, muito pouco praticado. Entre as raras exceções, uma que vale a pena conhecer. Só pelas fotos ao lado já dá para ver a diferença que o designer Nido Campolongo e Adriana Yazbek fizeram ao se envolver num projeto de reforma de um albergue mantido pela Prefeitura de São Paulo. "Vestir o Boraceia" foi uma proposta de ambientação de um albergue modelo, situado na rua Boraceia, na Barra Funda, em São Paulo. A ideia era requalificar o maior albergue da capital paulista para torná-lo modelo para outros. "A intenção foi transformar o ambiente padronizado em espaços únicos, referências que permitam certa individualidade, promovendo o aconchego e a proteção do morar aos usuários que estão em 'situação de rua'", contam eles. Para isso, foram criadas divisórias e criados-mudos de papelão e resíduos de madeira, além de cortinas, almofadas e um protótipo de habitação popular, construídos pelos usuários do albergue com materiais coletados por eles próprios. A imagem do antes e depois fala por si.

As criações de Nido podem ser vistas em seu ateliê na Galeria do Papel, Rua Tupi, 843, Pacaembu, São Paulo, (11) 3826 7901.



## natureza revisitada

Um desenho que se repete e se recompõe, desdobra-se, criando parentescos e movimentos insuspeitados. Assim é o design de superfície da jovem paulistana Rachel Hoshino, que ela aplica sobre peças de porcelana compradas prontas. Raquel retira da natureza, das plantas, pássaros e até mesmo dos insetos a inspiração maior de sua criação, numa leitura bastante contemporânea e urbana.

Uma de suas linhas mais bonitas é a *Tampopo*, palavra que significa em japonês dente de leão - uma planta muito cultuada no Japão pela leveza e geometria perfeita. A planta se espalha, como se tivesse sido soprada, e pausa sofisticadamente em cores metálicas como ouro, prata ou cobre sobre o fundo branco de pratos, vasos, moedores, chaleira, copinhos. Para cada linha que desenvolve, Raquel prepara várias matrizes de serigrafia. Assim, pode ir desdobrando o desenho em composições que nunca se repetem, pois são feitas artesanalmente, peça a peça.

Mais informações, (11) 3031 3966, [www.hoshino.com.br](http://www.hoshino.com.br)



# micHEL arnOULT

(11.10.1922 - 29.3.2005)

Uma grande perda para o design brasileiro: morreu em 29 de março, aos 82 anos de idade, Michel Arnoult, o maior defensor em nosso país de um design acessível às camadas mais amplas da população e uma das mais dignas figuras do nosso design.

Parisiense, Michel formou-se em 1948 pela Escola Camondo - União Central de Artes Decorativas, e logo em 1950 veio para o Brasil, atraído pelas idéias desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek e pela esperança de contribuir na gestação do que àquela altura se desenhava como “um país do futuro”.

Radicou-se inicialmente no Rio de Janeiro, onde trabalhou com Oscar Niemeyer e graduou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura em 1955. Em seguida mudou-se para São Paulo, a cidade industrial por excelência do país, em que ele imaginava poder dar vazão ao seu desejo de produzir bons móveis em altas séries.

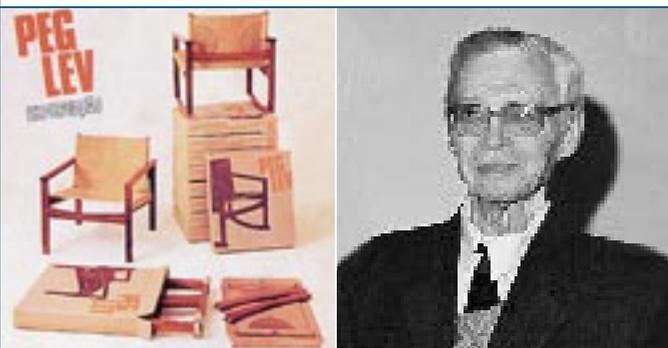
Michel foi um dos pioneiros no projeto de móveis modulados, vendidos desmontados em embalagens reduzidas, dentro do conceito “pegue e monte em casa”. Envolveu-se também com a produção, de maneira a garantir a conjugação da qualidade técnica com baixos preços para o consumidor final. Participou de vários empreendimentos produtivos, desde a fundação da Móvelia Contemporânea, em 1954, em colaboração com Helena Mindlin, Norman Westwater e Abel de Barros Lima. No entanto, talvez por falta de tino administrativo e comercial, talvez por estar sempre alguns anos à frente de seu tempo – lançando idéias quando o consumidor ainda não estava preparado para absorvê-las –, nunca logrou uma situação financeira confortável.

Várias das idéias que pregou incansavelmente desde a década de 50 só encontraram ressonância muito mais tarde, em iniciativas como a da rede Tok & Stok (1978), para a qual projetou algumas vezes ao longo de sua vida. Mas vivia repetindo que queria fazer móveis para vender nas Casas Bahia, maneira de dizer que visava mesmo era o “povão”.

Michel fez da cadeira a sua forma preferencial de expressão, por considerá-la a peça de mobiliário mais difícil de fazer. Estudou anos a fio a sua ergonomia, a inclinação ideal do encosto, a profundidade do assento, a relação de braços e pernas... Desde a primeira comercializada em maior escala, a Ouro Preto, de 1958, fez modelos que são um primor de simplicidade construtiva. A Peg Lev, de 1968, era embalada desmontada numa caixa de papelão exígua (lindo design gráfico de Hugo Kovadloff) e vendida em bancas de jornal. Ganhou em 1964 o Prêmio Roberto Simonsen de Desenho Industrial.

Em 2003, já doente mas ainda em pleno vigor criativo, inscreveu a cadeira Pelicano no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira – uma atitude de humildade, de submeter-se à avaliação de seus pares aos 81 anos de idade. A Pelicano resume décadas de estudo de Michel: as proporções corretísimas, o máximo de conforto, as capas leves que vestem a estrutura, o uso de eucalipto (que defendia como alternativa ecológica por ser reflorestado). O júri considerou o projeto merecedor do primeiro lugar na categoria mobiliário. Na noite de entrega do Prêmio, foi ovacionado pelo público, num momento de muita emoção, que levou muita gente às lágrimas.

A partir daí, o câncer foi paulatinamente roubando-o de nosso convívio. Michel Arnoult foi, sem dúvida, um visionário. O maior legado que deixa é a visão de que o exercício do design deve estar intimamente ligado ao exercício da cidadania, pois, para ele, o design deve servir à idéia de melhorar a qualidade de vida de toda a população. E esse legado, sem dúvida, ninguém vai tirar de nós.



**erramos** Desculpe a nossa falha: para se informar sobre os painéis com cascas de coco e outros materiais orgânicos criados por Eduardo Queirós em Alagoas, publicados aqui na edição de março, o endereço correto do site é [www.ecombrasil.com.br](http://www.ecombrasil.com.br)